

JORGE MARTINS

Torreão Nascente
da Cordoaria Nacional (piso 0)

Curadoria
Óscar Faria

27.05–
30.08.2026

TIMESCAPE

UMA LUZ AO FUNDO DO TÚNEL

Habitado pela graça, Jorge Martins faz-nos ver a luz ao fundo do túnel. Os seus trabalhos recentes constituem a sùmula de seis décadas de produção artística. O artista, em diálogo permanente com a tradição pictórica, faz e refaz obras que um dia estiveram acabadas, desafiando outros nomes sejam eles Van Eyck ou Malevich, baralha a velha dicotomia abstracção/figuração, não só através de soluções visuais, mas também a partir da relação que estabeleceu com a ciência e a cosmologia.

Há uma mística que atravessa as pinturas e desenhos de Jorge Martins. Eles deixam entrar a luz. E iluminam. Têm gravitas: essa gravidez assente no domínio da técnica, no conhecimento da história e na experiência da vida. As obras do artista contêm todo o universo dentro de si, tal como acontece no espelho visível no “Casal Arnolfini,” de Van Eyck, ou no “Quadrado Negro”, de Malevich.

A exposição “Timescape” inclui cerca de sessenta obras maioritariamente realizadas nos últimos anos. Pintura e desenho, cor e preto e branco, figuração e abstracção, luz e sombra. A visão proposta inclui ainda alguns dos cadernos nos quais Jorge Martins vai recolhendo algumas das suas impressões diárias, escrevendo aforismos, realizando estudos para possíveis trabalhos e colecionando citações.

Uma primeira aproximação à mostra revela uma presença significativa de trabalhos de pendor abstracto. A dúvida vai-se instalando quando começamos a olhar com atenção para as obras e nelas imaginamos continentes à deriva, fenómenos ópticos, acontecimentos atmosféricos, pulsões várias, um erotismo difuso e ainda a materialização do efémero.

Homónima do título da exposição, a pintura “Timescape” pode ser entendida como o centro de onde irradiam os restantes trabalhos. Apresentada noutras ocasiões, com diferentes nomes, esta pintura foi sendo alterada, desde 2009, por Jorge Martins. Sobre um fundo negro, quadrado, o artista foi acrescentando velaturas, até que toda a superfície foi invadida por uma espécie de fumo, imagem enigmática, onde as origens e os fins se encontram.

Estamos diante de uma iluminação: a essência invisível da existência ganha uma delicada espessura, como que se as tonalidades afetivas do pathos, como a alegria ou a angústia, tornassem palpável a experiência de sermos vivos e sentirmos.

O filósofo José Gil, no seu ensaio para o catálogo da exposição, nota: “Do nada de arte à figura do caos que engendra a pintura: ‘Timescape’ ou o elogio da pintura. Como escreve o pintor num dos seus apontamentos:

«Não faço ideia do que vale [esta pintura] mas é certamente ou uma grande e desinteressante merda ou uma obra prima». É, decididamente, uma obra-prima.”

Jorge Martins toca, neste e noutros trabalhos, um estado de beatitude e compreensão, situação em que a mente, ao invés de ser afectada passivamente pelas coisas, experimenta-se a si mesma na sua singularidade essencial. O pintor terá assim pressentido algo para além do visível, que as suas telas tentam, incansavelmente, exprimir. Este caminho artístico e espiritual é a própria senda que nos aproxima desse lugar onde a distinção entre artista, obra e cosmos se esbate numa unidade profunda.

Óscar Faria

...

“O que este quadro nos dá imediatamente a ver é o caos. Não o caos da confusão e do informe – de que Jorge Martins tem horror –, mas o que dá início ao engendramento das formas, pré-genético ou, como diria Paul Klee, cosmogénico. Caos necessário a todo o processo criativo, subjacente ao surgimento do novo.”

“Uma extraordinária visão paradoxal ressalta da tela: a instabilidade permanente do todo fixada numa imagem. Não há centro, não há foco ou ponto de vista, não há uma zona de repouso, sequer um vazio onde ancorar o olhar. Os movimentos das linhas luminosas fazem pensar numa dança – mas obedecendo a uma coreografia impensável, uma coreografia do caos, sem princípio nem fim, sem rectas nem paragens, com gestos e ritmos diferentes, síncronos e desfasados, sem orientações fixas, a-espacial ou sugerindo um espaço multidimensional, aéreo, líquido ou terrestre.”

“A lógica da ‘entre’ em que prolifera o caos vai subverter o tratamento plástico de muitos domínios: Timescape situa-se entre o desenho e a pintura, entre o traço e o contorno, entre o branco da cor e o negro da sua ausência, entre a luz e a sombra, entre a sensação e o conceito – o retiniano e o conceptual –, entre o visível e o invisível.”

José Gil

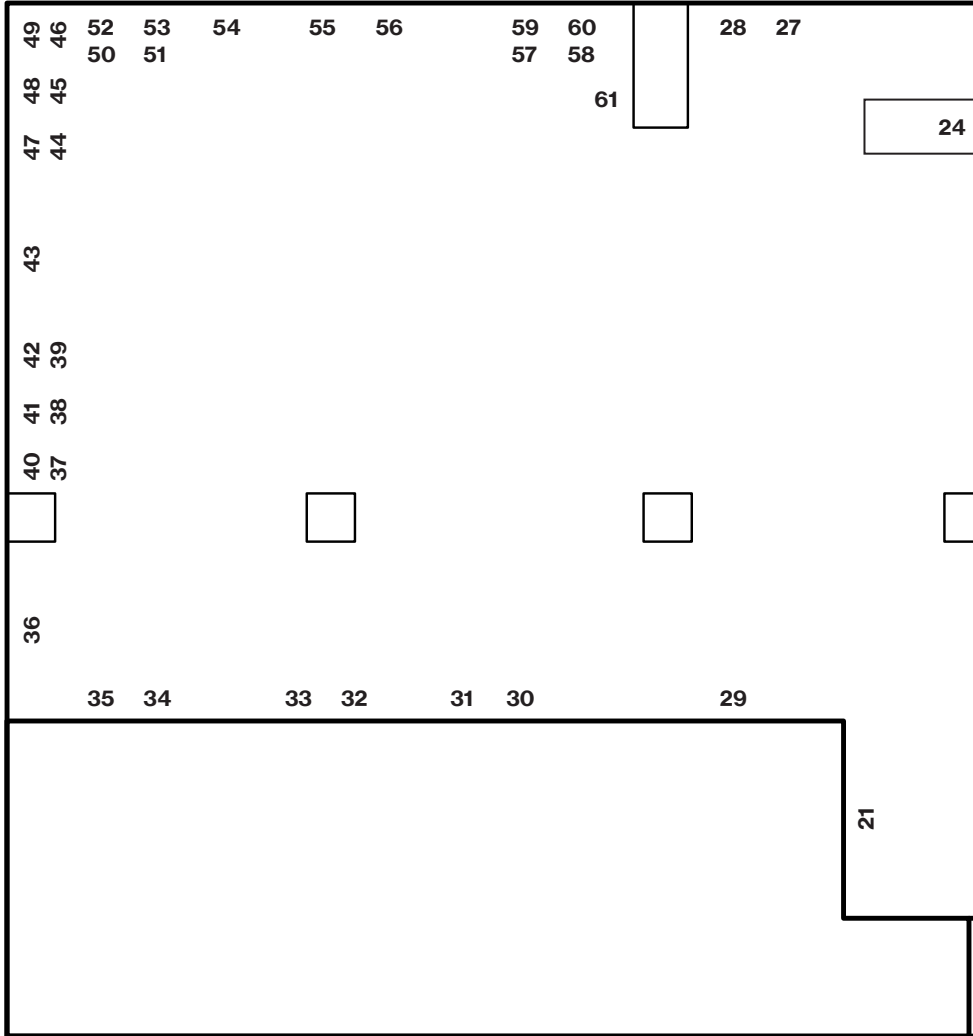
(Excertos do texto do catálogo)

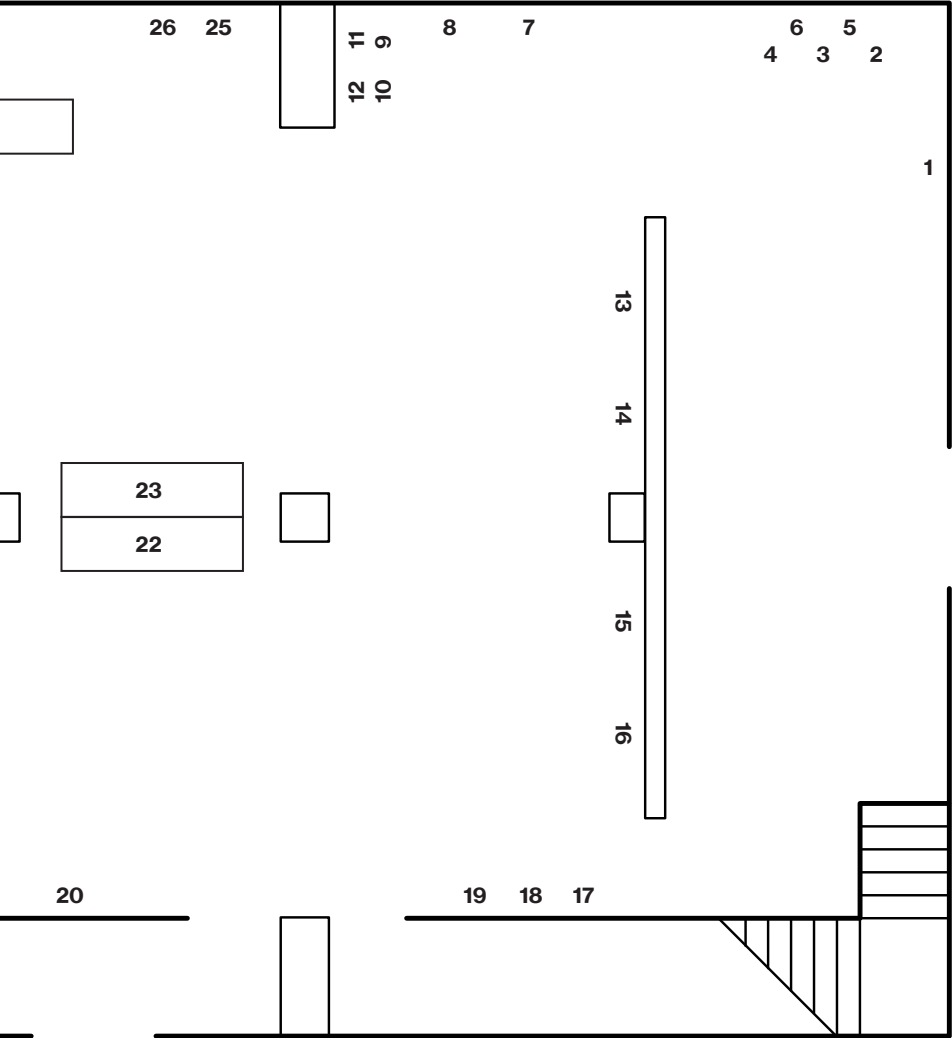
- 34. Gondwana**, 2019
Acrílico sobre papel,
140 × 100 cm
- 35. Pangeia**, 2019
Acrílico sobre papel,
140 × 100 cm
- 36. A Deriva dos Continentes**, 2021
Óleo sobre tela,
100 × 200 cm
- 37. Estudo para a mão direita**, 2008
Grafite sobre papel,
70 × 100 cm
- 38. Sem título, Da série No Museu**, 2018
Grafite sobre papel,
95 × 65 cm
- 39. Águas Livres**, 2022
Grafite sobre papel,
60 × 75 cm
- 40. Fogo Brando**, 2017
Grafite sobre papel,
70 × 100 cm
- 41. Serendipity**, 2022
Grafite sobre papel,
75 × 60 cm
- 42. As Aventuras do fotão voador**, 2019
Grafite sobre papel,
60 × 75 cm
- 43. Timescape**, 2009–2026
Óleo sobre tela,
200 × 200 cm
- 44. A Fronteira do Universo**, 2012
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 45. Do lado de lá do tempo**, 2019
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 46. Eclipse**, 2023
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 47. A Matéria do Tempo**, 2021
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 48. Sem título, Da série No Museu**, 2018
Grafite sobre papel,
75 × 55 cm
- 49. Tornado**, 2018
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 50. O Sexo dos Anjos**, 2021
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 51. Sem fim para quê?**, 2024
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 52. Três Unhas Negras**, 2011
Grafite sobre papel,
110 × 75 cm
- 53. Somos Feitos de Tempo**, 2024
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 54. Tempus fugit**, 1987
Grafite sobre papel,
78 × 57 cm
- 55. Gedankenversunken (Absorto nos pensamentos)**, 2026
Óleo sobre tela, 140 × 140 cm
- 56. Silêncio do oceano**, 2026
Óleo sobre tela, 95 × 190 cm
- 57. Rio de tempo**, 2019
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 58. O Silêncio das Nuvens**, 2018
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 59. O que um fotão me contou**, 2019
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 60. As raízes do tempo**, 2019
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 61. Malevich Leaving (Da série No Museu)**, 2016
Grafite sobre papel,
71 × 71 cm



Consultar legendas com fotografias

- 1. Adição V + M (Da série No Museu)**, 2018
Grafite sobre papel,
55 × 56 cm
- 2. O que der e vier**, 2022
Grafite sobre papel,
70 × 200 cm
- 3. Espelho do Tempo**, 2021
Grafite sobre papel,
50 × 140 cm
- 4. Um Sonho de Heraclito**,
2022
Grafite sobre papel,
70 × 200 cm
- 5. Como Caçar um Electrão**,
2022
Grafite sobre papel,
35 × 200 cm
- 6. No Sentido Figurado**,
2021
Grafite sobre papel,
70 × 200 cm
- 7. Lá na Terra I**, 2021
Grafite sobre papel,
100 × 140 cm
- 8. Uma Paisagem para Moëbius**, 2022
Grafite sobre papel,
70 × 200 cm
- 9. Lá na Terra III**, 2020
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 10. Lá na Terra II**, 2020
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 11. Lá na Terra IV**, 2020
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 12. Lá na Terra V**, 2020
Grafite sobre papel,
100 × 70 cm
- 13. Horizontes**, 2018
Óleo sobre tela, 140 × 140 cm
- 14. Mudança de Fase**, 2020
Óleo sobre tela, 140 × 140 cm
- 15. Rondó**, 2018
Óleo sobre tela, 140 × 140 cm
- 16. Adagio Retiniano**, 2011
Óleo sobre tela, 140 × 140 cm
- 17. De Fora para Dentro**,
2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 18. O Sexo das Côres**, 2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 19. O Cheio e o Vazio**, 2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 20. A Pele do Tempo**, 2025
Óleo sobre tela,
200 × 200 cm (4 ×
100 × 100 cm)
- 21. Dois Anjos Dançam**,
2024
Óleo sobre tela, 198 × 198 cm
- 22. Catálogos de exposições**
- 23. Catálogos de exposições**
- 24. Cadernos de desenhos, 2021–2026**
- 25. Simetria Quebrada**,
2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 26. Lento e Imperceptível**,
2020
Acrílico sobre papel,
140 × 100 cm
- 27. A porta do tempo**, 2020
Acrílico sobre papel,
140 × 100 cm
- 28. Monolito**, 2020
Acrílico sobre papel,
140 × 100 cm
- 29. Vegetais Antigos**, 2019
Acrílico sobre papel,
150 × 105 cm
- 30. Rift**, 2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 31. Mecânica da Imobilidade**, 2023
Acrílico sobre papel,
160 × 120 cm
- 32. Crer para Ver**, 2024
Grafite sobre papel,
140 × 105 cm
- 33. Sem pés nem cabeça**,
2024
Grafite sobre papel,
140 × 105 cm





Jorge Martins (Lisboa, 1940) é um artista que construiu um percurso de profunda reflexão acerca da pintura e do desenho. Começou por estudar Arquitetura e Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, em 1960, realizou a sua primeira exposição individual. No ano seguinte, partiu para Paris, iniciando um longo período no estrangeiro. Na década posterior, chegou a habitar em Nova Iorque, onde a sua pesquisa sobre a luz se intensificou. O regresso a Lisboa, cidade na qual trabalha e reside atualmente, deu-se em 1991.

A sua obra, que transita entre a abstração e a figuração, foi apresentada numa exposição individual no Musée National d' Art Moderne – Centre Georges Pompidou, em Paris (1978). Em Lisboa foram várias as instituições que lhe dedicaram mostras relevantes: Fundação Calouste Gulbenkian (1993), Culturgest (2001), Centro Cultural de Belém (2006) e Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva (2017)

Em 2013, o Museu de Serralves, em co-produção com a Fundação Carmona e Costa, organizou “A Substância do Tempo”, a maior retrospectiva de desenhos do artista. Fora do país, o Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo – MEIAC –, em Badajoz (2018) e o Museu de Arte Contemporânea de Vigo – MARCO –, em 2019, apresentaram “Sombras e Paradoxos”.

GALERIAS MUNICIPAIS –
TORREÃO NASCENTE DA CORDOARIA NACIONAL
Avenida da Índia, 1300-299 Lisboa

Terça-feira a Domingo: 10h–13h e 14h–18h
Entrada livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt